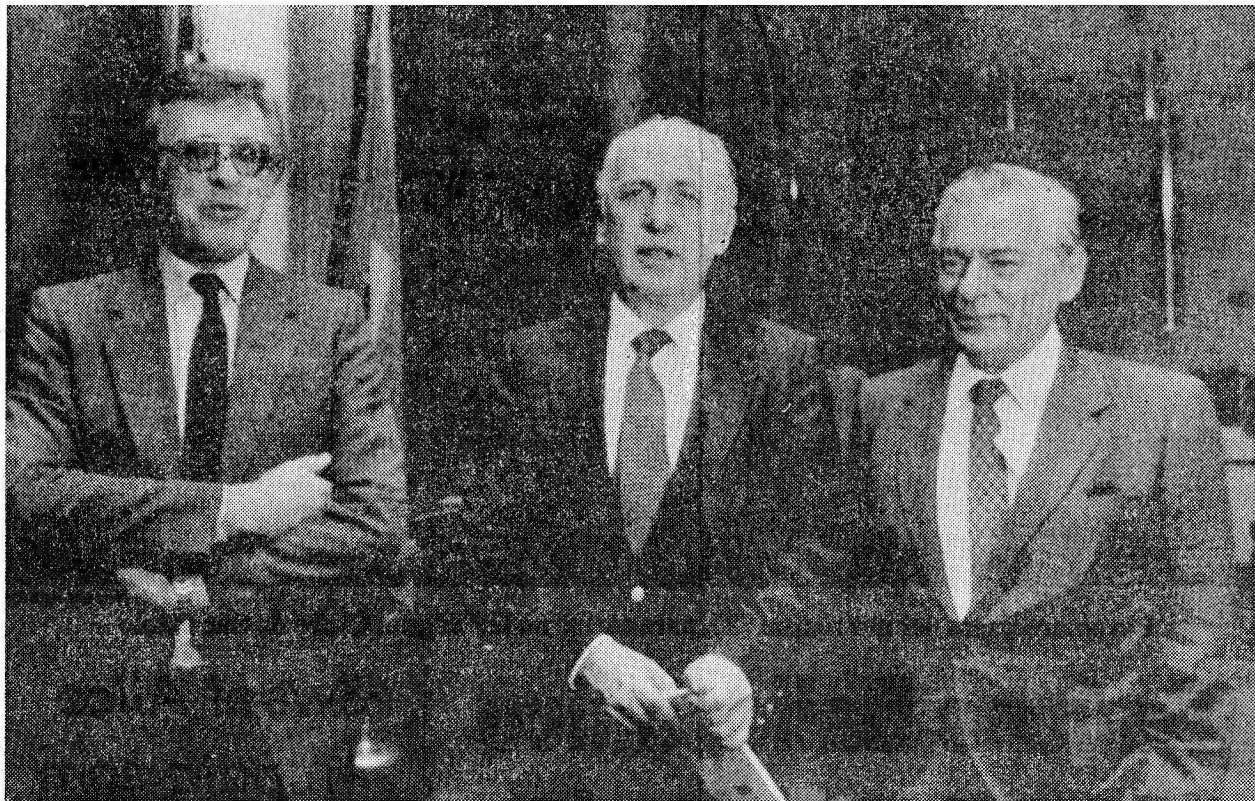




AFP

Sourrouille, Bresser e Petriccioli: comunicado conjunto em Nova York

A renegociação começa hoje

WASHINGTON — O Brasil começa a renegociar o final da moratória e um acordo duradouro, demonstrando flexibilidade e abertura às sugestões de banqueiros credores, a partir de hoje, na Associação de Bancos para o Comércio Exterior, no centro de Washington. "Se o Comitê dos Bancos Credores aprovar as idéias que estamos trazendo, poderá ocorrer um acordo preliminar", declarou o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, na manhã de ontem, ao aparecer na entrada do Hotel Intercontinental, em Nova York, pouco depois de ter desembarcado do voo do Brasil.

"Mas não creio que seja assim tão rápido", ele também advertiu à imprensa, preferindo não criar grandes expectativas. Outro negociador da dívida, Fernão Bracher, foi claro ao dizer que "o objetivo da reunião é o de acabar com a moratória", mas que isso não acontecerá, certamente, amanhã. "O processo começa, mas não sabemos quando é que terminará", disse.

Bracher, muito bem humorado, otimista, dizia aos repórteres apenas

que "queremos o Brasil de novo próximo ao sistema financeiro internacional". Por isso, acrescentou, é que o plano está sendo descrito como "amplo, aberto a sugestões dos banqueiros", com a intenção de favorecer um acordo.

INÍCIO

A renegociação deverá começar, às 13 horas, em Washington, onde já estão chegando os três mil participantes da 42ª reunião anual do FMI/Banco Mundial. O lugar escolhido foi a Associação de Bancos para o Comércio Exterior, que fica perto do Departamento do Tesouro, mas afastado dos locais em que economistas, banqueiros, diplomatas e executivos das agências multilaterais estarão se reunindo. Havia uma dúvida, no final da noite de ontem, se o próprio ministro Bresser Pereira participaria da primeira sessão. Mas ele não estava disponível para consultas, assistindo a uma peça de teatro, *Les Misérables*.

Quem apresentará a nova versão

do plano brasileiro será o presidente do Banco Central, Fernando Milliet. Ele falará para os 14 banqueiros que representam mais de 600 bancos sobre os resultados do plano macroeconômico do ministro Bresser Pereira até agora, as dificuldades que tem enfrentado e quais os recursos de que o Brasil está precisando. "Pode surgir aí um entendimento sobre linhas básicas", antecipava Milliet ontem de manhã. Ele lembrou que da última vez o Brasil começou a negociar em 1985, nessa mesma época do ano, em setembro, e só chegou a um acordo em março/abril que foi então assinado em setembro. O acordo dos argentinos, concluído em março, não foi até agora assinado.

Mesmo um acordo preliminar, que não deve ser descartado porque os bancos estão com pressa (por não quererem aumentar mais suas reservas dia 26 de outubro se nada conseguirem do Brasil) significaria "uma mudança muito grande de padrão", comentou Milliet. Ele quis, prudentemente, esvaziar qualquer expectativa.

(M.R.)